

**A FRONTEIRA NA RUA: APROPRIAÇÕES DE VENDEDORAS E VENDEDORES AMBULANTES EM CORUMBÁ (BRASIL) E *PUERTO QUIJARRO* (BOLÍVIA)**

**THE BORDER ON THE STREET: APPROPRIATIONS OF STREET VENDORS IN CORUMBÁ (BRAZIL) AND *PUERTO QUIJARRO* (BOLIVIA)**

**LA FRONTERA EN LA CALLE: APROPIACIONES DE VENDEDORAS Y VENDEDORES AMBULANTES EN CORUMBÁ (BRASIL) Y *PUERTO QUIJARRO* (BOLIVIA)**

Luiz Felipe RODRIGUES<sup>1</sup>  
Dalila Tavares GARCIA<sup>2</sup>

**Resumo:** As práticas e mobilidades de vendedoras e vendedores ambulantes na fronteira questionam os limites impostos e trazem uma série de questões acerca da (re)produção cotidiana do espaço fronteiriço. As diferenças dadas pela existência do limite internacional são apropriadas por esses sujeitos que as utilizam como estratégias de sobrevivência. De um lado ao outro da fronteira, a espacialização de suas mobilidades revela práticas e territorialidades transfronteiriças que reproduzem o espaço de fronteira, demonstrando convergências e complementaridades a partir de suas relações. Tais interações envolvem dimensões culturais, econômicas, políticas e sociais. Trataremos de discutir algumas dessas interações a partir de observações e relatos coletados em trabalho de campo realizado nas cidades fronteiriças de Corumbá (Brasil) e *Puerto Quijarro* (Bolívia). Os resultados obtidos demonstram a (re)produção de um espaço transfronteiriço em sua multiplicidade, envolvido por diálogos e conflitos, e carente de políticas públicas orientadas às especificidades e necessidades de sua população.

**Palavras chave:** Fronteira, Trabalho, Reprodução Socioespacial, Cotidiano.

**Abstract:** The practices and mobility of street vendors on the border question the limits imposed and raise a number of questions about the daily (re)production of the border space. The differences given by the existence of the international limit are appropriated by these subjects who use them as survival strategies. From one side to the other side of the border, the spatialization of their mobilities reveals cross-border practices and territorialities that reproduce the border space, demonstrating convergences and complementarities from their relations. Such interactions involve cultural, economic, political and social dimensions. We will discuss some of these interactions based on observations and narratives collected in field work carried out in the border cities of Corumbá (Brazil) and Puerto Quijarro (Bolivia). The results obtained demonstrate the (re)production of a cross-border space in its own multiplicity, involved in dialogues and conflicts, and lacking in public policies oriented to the specificities and population's necessities.

**Key-words:** Border, Work, Socio-spatial Reproduction, Daily Life.

**Resumen:** Las prácticas y movilidades de vendedoras y vendedores ambulantes en la frontera cuestionan los límites impuestos y provocan una serie de cuestiones acerca de la (re)producción cotidiana del espacio fronterizo. Las diferencias dadas por la existencia del límite internacional son

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

<sup>2</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

apropriadas por esos sujetos que las utilizan como estrategias de sobrevivencia. De un lado al otro de la frontera, la espacialización de sus movibilidades revela prácticas y territorialidades transfronterizas que reproducen el espacio de frontera, demostrando convergencias y complementariedades a partir de sus relaciones. Esas interacciones envuelven dimensiones culturales, económicas, políticas y sociales. Trataremos de discutir algunas de esas interacciones a partir de las observaciones y relatos colectados en trabajo de campo realizado en las ciudades fronterizas de Corumbá (Brasil) y Puerto Quijarro (Bolivia). Los resultados obtenidos demuestran la (re)producción de un espacio transfronterizo en su multiplicidad, envuelto por diálogos y conflictos, y carente de políticas públicas orientadas a las especificidades y necesidades de su población.

**Palabras-clave:** Frontera, Trabajo, Reproducción Socioespacial, Cotidiano.

## Introdução

Corumbá, situada no estado brasileiro de Mato Grosso do Sul, possui uma população estimada para 2017 de 109.899 habitantes (IBGE CIDADES, 2017). A cidade é conurbada com Ladário, com uma população estimada para 2017 de 22.590 habitantes (IBGE CIDADES, 2017), e faz fronteira seca com a Bolívia, onde se encontra o município de *Puerto Quijarro*, que tem aproximadamente 19.243 habitantes, e também o município de *Puerto Suárez* com população estimada para 2017 de 23.196 habitantes de acordo com o *Instituto Nacional de Estadística* (2017). Ambos os municípios bolivianos pertencem à Província de *Germán Bush*, do Departamento de Santa Cruz.

A proximidade dessas cidades aliada a existência do limite internacional, o que implica em diferenças de câmbio monetário, diferenciação entre serviços como saúde e educação, diferença de preços, impostos e mercadorias, faz com que nelas, diferentes agentes sociais se mobilizem entre um e outro lado da fronteira para aproveitar as diferenças, utilizando-as como estratégias em suas práticas cotidianas. Nesse sentido, entende-se que a fronteira, enquanto espaço, constitui uma zona de contato (MOURA; CARDOSO 2006), abrigando relações que ora reforçam e outrora questionam os limites impostos (ALBUQUERQUE, 2010). Nesse sentido, há uma (re)produção dialética entre espaço e sociedade de fronteira, pois:

[...] a sociedade, ao produzir-se, o faz num espaço determinado, como condição de sua existência, mas através dessa ação, ela também produz, conseqüentemente, um espaço que lhe é próprio e que, portanto, tem uma dimensão histórica com especificidades ao longo do tempo e nas diferentes escalas e lugares do globo. (CARLOS, 2014, p. 53).

As práticas sociais que se desenvolvem a partir da articulação entre os diferentes lados da fronteira, podem ser definidas como transfronteiriças. O adjetivo transfronteiriço é aplicado a todo movimento ou relação que se estabelece entre o limite político de dois ou mais Estados, significando a travessia, a passagem e a transgressão (REITEL; ZANDER, 2006, p. 2). As interações que se desprendem dessas práticas devem ser entendidas no seio da reprodução social do espaço de fronteira, e implicam na “formação de redes de confiança, crédito, reciprocidade e obrigação entre indivíduos dos dois lados da fronteira” (COSTA, 2015, p. 50).

Neste estudo, buscaremos entender essas práticas a partir do movimento de vendedoras e vendedores ambulantes de nacionalidade boliviana na cidade de Corumbá. Para a discussão, utilizaremos observações, registros fotográficos e relatos coletados em trabalho de campo realizado em outubro de 2017 nas cidades de Corumbá e *Puerto Quijarro*. Os

relatos são de cinco ambulantes que entrevistamos enquanto trabalhavam nas ruas de Corumbá, sendo quatro vendedoras e um vendedor, todos de nacionalidade boliviana. Nas entrevistas, realizadas em espanhol, fizemos algumas perguntas norteadoras como “Onde vivem? Por que trabalham nesta atividade e neste lugar? Por que vendem estes produtos? Como se deslocam? Sabem de onde é o produto (em caso de não ser produção própria)?”. A partir de suas respostas, as vendedoras e vendedores relataram outras questões que serão destacadas neste trabalho.

Para identificar os sujeitos entrevistados, utilizaremos nomes fictícios pelo fato desses sujeitos se encontrarem em situação de irregularidade. Essa situação não nos permitiu perguntar seus nomes, pois isso dificultaria a realização das entrevistas, uma vez que, os entrevistados demonstraram estar desconfiados da nossa abordagem. Tal desconfiança pode ter sido gerada por pensarem que éramos agentes de fiscalização, e também pelo fato de que, raramente algum desconhecido extrapola as relações de compra, como nos relatou uma das ambulantes entrevistadas.

### Os ambulantes e suas práticas transfronteiriças: alguns apontamentos

No trabalho de campo nas cidades de Corumbá e *Puerto Quijarro*, observamos na cidade brasileira a presença de ambulantes de nacionalidade boliviana. Em contrapartida, em *Puerto Quijarro* não encontramos ambulantes brasileiros, o que não significa que não existam. Porém, não encontramos somente pessoas bolivianas trabalhando como vendedoras ambulantes. Também presenciamos pessoas dessa nacionalidade pedindo esmolas, geralmente mulheres de aparência idosa. Situação triste que revela a desumanização provocada pela falta de políticas públicas adequadas, pelo preconceito e pelas demais desigualdades existentes entre os diferentes lados da fronteira, que se revela, sobretudo, como a fronteira do humano, que se manifesta na degradação e na exploração do Outro (MARTINS, 1997).

Figura 1 – Idosa Boliviana pedindo esmola em Corumbá



Fonte: Organizado pelos autores, 2017.

Figura 2– Ambulantes de nacionalidade Boliviana em Corumbá



Fonte: Organizado pelos autores, 2017.

Figura 3 – Ambulantes de nacionalidade Boliviana trabalhando em frente de comércios da área central de Corumbá



Fonte: Organizado pelos autores, 2017.

Os estudos realizados na fronteira entre Brasil e Bolívia nas cidades de Corumbá e *Puerto Quijarro* por Costa (2015, p. 41-42) demonstram essa realidade, apontando que: “[...] o boliviano se constrói no imaginário brasileiro fora dos parâmetros que definem os valores “civilizados””. Nesse imaginário, as pessoas de nacionalidade boliviana que trabalham nas ruas de Corumbá são constantemente associadas à pobreza, ao irregular, ao ilícito e ao ilegal (COSTA, 2015).

O fato dessas vendedoras e vendedores ambulantes atravessarem diariamente a fronteira Bolívia-Brasil para realizarem suas atividades, lhes confere um componente transfronteiriço. Telles (2010, p. 176) denomina esses sujeitos como “portadores de competências circulatórias”, uma vez que, sabem passar pelas fronteiras, contornando controles, fiscalizações e demais restrições. Como verificamos nos relatos, as práticas dos ambulantes se concretizam a partir de uma rede sócio-laboral complexa, constituída por diferentes agentes que atuam na circulação das mercadorias, desde suas origens até os destinos finais. Exemplos desses agentes são os sujeitos que trabalham com o transporte de pessoas entre os dois lados da fronteira (táxis ou quaisquer transportes alternativos), dos quais os ambulantes utilizam para realizarem suas travessias. São sujeitos que vivem de “cruzar a fronteira”.

Essas interações, materializadas entre sistemas de normas jurídicas diferenciadas, sofrem efeitos diretos e indiretos de crises, mudanças cambiais, crescimentos e ações de caráter supranacional que envolvem os países em que estão territorializadas (CARNEIRO, 2016). Nesse sentido, as práticas dos ambulantes envolvem redes que extrapolam a fronteira, abarcando fluxos globais. Outro exemplo pode ser definido pelas mercadorias “*Made in China*”, importadas por um país e levadas a outro em forma de contrabando por esses vendedores. Nesse sentido, “é assim que o boliviano se insere em Corumbá, trazendo mercadorias que não são produzidas na região, estabelecendo redes que se estendem para longe da fronteira, o que, aliás, permite sempre um dinamismo e uma criatividade” (COSTA, 2015, p. 52).

De acordo com Costa (2015), o fato de a moeda boliviana valer menos que o real é um dos motivos que justificam a presença de ambulantes de nacionalidade boliviana em Corumbá, pois, permite maior lucratividade e também impede a concorrência com comerciantes brasileiros que não conseguem oferecer preços mais baixos do que os oferecidos pelos vendedores, o que acaba gerando conflitos com os comerciantes locais que cobram do poder público local alguma intervenção. Segundo o autor, a presença desses ambulantes, por outro lado, beneficiam consumidores, sobretudo, os das classes mais baixas da população de Corumbá que conseguem adquirir os mais variados produtos por preços mais acessíveis com esses ambulantes.

### **Ambular na fronteira: entre os limites e a sobrevivência**

Ao andar pela área central da cidade sul-mato-grossense de Corumbá (Brasil), encontramos várias vendedoras e vendedores ambulantes nas ruas comercializando uma variedade de produtos: brinquedos, artesanatos, alho, carteiras, ervas para chás, bijuterias, celulares, relógios, artesanatos em geral, panos de prato, salgados, dentre outros, expostos em cima de carrinhos de mão, mesinhas, caixas de papelão, ou em cercas ou muros de alguma esquina. Estas trabalhadoras e trabalhadores vendem seus produtos sentados em suas próprias cadeiras ou em degraus de algum estabelecimento comercial.

A maioria dos ambulantes que encontramos nas ruas de Corumbá eram mulheres. Algumas delas estavam acompanhadas de seus filhos pequenos, de seus esposos ou de outra(o) parente. Isso nos demonstra que é nesses locais de trabalho que muitas dessas

peças passam a maior parte do tempo: almoçam, convivem com a família, e constroem sociabilidades. Durante o trabalho de campo, notamos que a maior parte dessas trabalhadoras e trabalhadores nas ruas corumbaenses era de nacionalidade boliviana – algo que conseguimos perceber não só através dos relatos, mas também dos rostos, das vestimentas, dos penteados e da fala – elementos carregados de geografias. Os traços e a cor de pele também nos revelaram que essas pessoas são indígenas, ou suas descendentes.

Figura 4 – Ambulante Boliviana vendendo mercadorias diversas em Corumbá



Fonte: Organizado pelos autores, 2017.

Figura 5 – Vendedora Ambulante Boliviana com seus dois filhos e com uma marmitta na Área Central de Corumbá



Fonte: Organizado pelos autores, 2017.

Mães e pais, esposas e esposos, tias, trabalhadoras e trabalhadores de rua, filhas e filhos, bolivianas e bolivianos, pobres e de feições indígenas. Essas características nos mostram que essa classe trabalhadora tem cor, gênero, nacionalidade definidas, e que suas práticas também possuem lugares definidos, que por sua vez, as constituem. De acordo com Costa:

[...] a identidade na fronteira Brasil-Bolívia pode ser problematizada não apenas por critérios de nacionalidade (brasileiros/ bolivianos), mas também por critérios étnicos (índios/ não índios). Há uma dupla alteridade do boliviano em solo brasileiro: ao mesmo tempo em que é visto como um “outro” nacional (estrangeiro), é representado como um “outro” indígena, duplicando, em grande medida, o estigma social que recai sobre o grupo. (COSTA, 2015, p. 38).

Nesse sentido, entendemos que “[...] um corpo que é geopoliticamente marcado é um ‘corpo-espaço’ na medida em que o corpo não é compreensível fora do lugar de sua própria constituição” (SILVA; ORNAT, 2016, p. 72). Assim, o corpo é produto e produtor de espaço, sendo parte constitutiva deste, pois não existe espaço sem gente. Como nos ensina Silveira (2006), vivemos em um conjunto de situações, onde estamos com as coisas, com os outros e com os diferentes significados, e por serem situações concretas, nos induzem à dimensão espacial, pois a existência se realiza no espaço, sendo também produtora deste.

A primeira vendedora que entrevistamos, Marieta, de 26 anos, estava em uma esquina da área central de Corumbá descascando dentes de alho e separando-os em saquinhos para vender. Além de alho, ela, acompanhada de sua tia, estava vendendo alguns brinquedos, carteiras, tapetes e panos de prato. Fazia três meses que Marieta passou a trabalhar como ambulante, e começou por conta de sua tia que já trabalhava há algum tempo na atividade. Anteriormente, trabalhava de vez em quando como empregada doméstica ou lavando roupas em *Puerto Quijarro*. De acordo com ela, trabalhar como ambulante é mais vantajoso, pois, o rendimento é maior. Seu esposo trabalha na Bolívia na área de construção. Algumas questões Marieta preferiu não responder: “*Yo no sé mucho porque trabajo poco tiempo vendiendo, sería mejor que pregunten a mi tía, ella trabaja hace algunos años con eso... ella está ahí al lado*”.

Fomos então falar com sua tia, Maria, de 46 anos, que também estava descascando dentes de alho para vender, na mesma esquina da sobrinha, mas em direção à outra rua. Faz oito anos que ela trabalha vendendo seus produtos. Começou a trabalhar como vendedora para sustentar a família, pois segundo ela: “*Em Bolivia no hay trabajo... es muy difícil trabajaren mi país*”. Maria tem dois filhos adolescentes e é separada do esposo que foi embora. Ela contou que sempre vendeu suas mercadorias em Corumbá e que os produtos são de *Santa Cruz de La Sierra*, capital do Departamento de Santa Cruz, onde se localiza a cidade de *Puerto Quijarro*. De acordo com Maria: “*Vengo a Brasil para trabajar porque acá se vende más [...] y vendo ajo por que los brasileiros compran mucho... en Bolivia ya no*”.

Para virem trabalhar em Corumbá, ela e sua sobrinha pagam transporte de táxi. Chegam às 8 ou 9 horas da manhã e voltam para casa por volta das 18 horas. Costumam vir de segunda à sexta, e às vezes no sábado pela manhã. Para almoçar, elas compram algo nas lanchonetes próximas ou de algum ambulante que vende salgados. Ela contou que alguns de seus clientes são fixos e que, de vez em quando, conversam. Relatou também que existe amizade e solidariedade com outras vendedoras e vendedores ambulantes, onde conversam sobre trabalho e família, e fazem câmbios de dinheiro quando precisam de troco. Maria parecia um pouco incomodada com a nossa abordagem, e então, chegou um cliente para comprar alho, e nesse momento aproveitamos para agradecer pela entrevista, e nos

despedimos.

Figura 6 – Mulher boliviana vendendo alho na área central de Corumbá



Fonte: Organizado pelos autores, 2017.

Atravessamos a rua, e queríamos encontrar a “*salteña boliviana*” para provar. Decidimos perguntar para um vendedor de uma loja onde poderíamos comprar. Ele não sabia, e então se dirigiu a uma ambulante brasileira que estava na esquina da loja vendendo cachorro-quente e perguntou para ela, que também não sabia e estava arrumando suas coisas para ir embora, pois já era quase 18 horas. No mesmo lugar se encontrava outra ambulante que estava vendendo salgados em uma caixa de plástico forrada com papel alumínio.

De nacionalidade boliviana, misturando o português com o espanhol, esta vendedora aproveitou a ocasião para nos oferecer seus salgados: “Eu não tenho *salteña boliviana*, mas tenho outro tipo de empanada que é boliviana porque *es hecha por mí que soy boliviana... É dois e cinquenta cada uma*”. Decidimos comprar a sua empanada boliviana que vinha acompanhada de um copo de suco. Aproveitamos a ocasião e lhe fizemos algumas perguntas durante a compra. A entrevista foi curta, pois a vendedora já estava recolhendo suas coisas para ir à sua casa. Com 27 anos de idade, Isabel se desloca de segunda à sexta para Corumbá vender os salgados na rua. É mãe de três filhos pequenos e faz três anos que trabalha como ambulante para sustentar a família. Seu esposo trabalha como carregador na Bolívia. Isabel vem para Corumbá vender seus salgados porque, segundo ela, se vende mais, pois tem mais movimento. Perguntamos se tinha amizade com a vendedora brasileira: “*Sí, pues, por ejemplo, cuando yo necesito salir para ir al baño, ella cuida de mis mercaderías... e igual yo cuido de sus cosas cuando ella necesita salir*”.

Como a vendedora Isabel precisava ir embora, seguimos adiante. Andamos uma quadra e encontramos um ambulante vendendo alho, brinquedos e celulares. Rômulo, boliviano, de 53 anos, trabalha como vendedor há oito anos. Anteriormente, ele trabalhava

como ajudante de pedreiro em Corumbá, e decidiu trabalhar como ambulante porque, segundo ele, se ganha melhor e a idade já não lhe permitia mais trabalhar na construção. As vendas é que permitem a sobrevivência dele e de sua família. Rômulo tem quatro filhos, todos adultos. Sua esposa e um de seus filhos também trabalham como ambulantes em outros pontos da cidade de Corumbá. De segunda à sexta, atravessam da Bolívia ao Brasil e pegam o transporte coletivo urbano para chegarem à área central da cidade brasileira onde costumam trabalhar das 9 horas até começar a escurecer. Para ele, vender no Brasil é mais vantajoso, pois tem mais movimento, e os produtos que vende são mais consumidos no Brasil do que na Bolívia:

*Vendo ajo porque los brasileiros consumen mucho... Y paseando por acá descubrí que los brasileiros comen mucho ajo. Para los bolivianos una cabeza de ajo da para prácticamente un mes... Ya el brasileiro utiliza unas cinco por semana, entonces me conviene vender ajo acá en Corumbá, porque Corumbá no produce ajo, y Bolivia sí, pero allá el consumo no es demasiado como acá, entonces venimos a Brasil para vender... Los brasileiros prefieren el ajo que vendemos acá porque el ajo boliviano es más rico, más sabroso. (RÔMULO, 2017).*

De acordo com Rômulo, o alho é de *Santa Cruz de La Sierra*, e chega até *Puerto Quijarro* por pessoas que trazem em ônibus ou caminhão. Sobre as outras mercadorias que vende, o ambulante nos disse que a maioria é importada da China. Perguntamos para ele em que idioma se comunica com os clientes: *“Yo hablo en portugués, o por lo menos intento, pues si estoy en Brasil necesito hablar su lengua... Algunas palabras me faltan, pero yo creo que me comunico bien”*.

### **A reprodução de um espaço transfronteiriço nos encontros com a alteridade**

As práticas transfronteiriças dos ambulantes nos demonstram a vivacidade cotidiana de um processo de transfronteirização que envolve diálogos, conflitos e contradições, bem como, aberturas e bloqueios. Esse processo se desenrola a partir de um conjunto de interações que envolvem esferas sociais, políticas, econômicas e culturais acionadas por diferentes agentes sociais que produzem o espaço de fronteira no cotidiano. Consideramos assim, a fronteira e seus usos a partir do conceito de território trazido por Haesbaert (2007, p. 21), compreendendo-a “[...] enquanto “espaço-tempo vivido”, [...] múltiplo, “diverso e complexo”, ao contrário do território “unifuncional” proposto e reproduzido pela lógica capitalista hegemônica, especialmente através da figura do Estado territorial moderno, defensor de uma lógica territorial padrão [...]”

Aqui, entendemos que as vendedoras e vendedores ambulantes de nacionalidade boliviana em Corumbá, ao realizarem travessias dia-a-dia entre os dois lados da fronteira para desenvolverem suas atividades e garantirem suas sobrevivências, questionam a produção de um território “unifuncional” na fronteira, demonstrando a produção da fronteira enquanto um espaço múltiplo.

Ao estarem presentes na cidade brasileira de Corumbá, esses sujeitos presentificam a existência da Bolívia nas ruas da cidade, seja por suas feições corporais, vestimentas, linguagens, práticas ou produtos. Não são corpos neutros, são corpos marcados pela cultura, pela nacionalidade, pelo gênero, pela cor, pela classe social e que são cotidianamente negociados:

Se sujeitos vivem espacialmente por meio de corpos velhos, jovens, brancos,

negros, femininos, masculinos e assim por diante, cada corpo/espaco (ou unidade que separa o eu e o outro) está em constante negociação com outros espacos, cujas significações construídas sobre a idade, gênero, raça são socialmente compartilhadas. Assim, os corpos não estão passivos às significações socialmente construídas. (SILVA; ORNAT, 2016, p. 63-64).

Assim, se o espaco deve ser entendido como sendo uma forma-conteúdo como coloca Santos (2006), os corpos também o são, pois estes constituem o espaco. São corpos carregados de geografias, corpos que nos remetem a determinados espacos e posições sociais. Conforme Silva e Ornat (2016, p. 62), os corpos são “[...] formas materiais que adquirem sentido no tempo e no espaco”. Sobre as vendedoras e vendedores ambulantes de nacionalidade boliviana em Corumbá, podemos colocar que:

De fato, a atividade de comércio informal feita por bolivianos é mais visível em Corumbá por se tratar de feiras e comércios de rua e pelos critérios de classificação do lado brasileiro, a partir dos quais os “marcadores sociais da diferença” contribuem para a divisão entre “nós” e “eles” (modos de vestir — as tranças e as roupas coloridas das mulheres bolivianas, os modos de falar — espanhol, quéchua, aymara — técnicas de corpo e assim por diante). (COSTA, 2015, p. 48).

Nesse sentido, o corpo “[...] é lugar social, político e geográfico e, além disso, o corpo se constitui na maneira como as pessoas se conectam com outros espacos e experimentam o espaco” (SILVA; ORNAT, 2016, p. 63). Um exemplo disso que verificamos em trabalho de campo foi nas estampas de um jogo de panos de prato que um ambulante boliviano estava vendendo. Nas estampas, estavam desenhos de mulheres bolivianas com trajes típicos e tranças, segundo o vendedor. Ao nos oferecer a mercadoria, salientou: “*Esas mujeres con trajes típicos llamamos cholitas. Es un recuerdo para llevar de Bolivia, de la frontera...*”.

Figura 7 – Jogo de panos de prato com desenho de “cholitas” vendido por ambulante Boliviano em Corumbá



Fonte: Organizado pelos autores, 2017.

Os objetos, por sua vez, também são marcados por geografias. Lasmar (2001) coloca que a circulação cria para os objetos uma história e uma experiência, e no trajeto, os objetos não só recebem mensagens como também transmitem, e nesse sentido, são carregados de significação social. Para o autor, os objetos circulam em diferentes regimes de valor, espaço e tempo, e desse modo, há uma complexa relação entre o ambiente social do objeto com seu aspecto simbólico e temporal, o que lhe confere uma vida social e um caráter político. Dessa forma, as relações de circulação pelas quais os objetos passam fazem com que estes sejam marcados pela história e experiência particular de cada pessoa ou grupo social envolvido em sua circulação (LASMAR, 2001, p. 86-87). Um exemplo disso é o que verificamos nos relatos dos ambulantes que relacionam o alho com a cultura brasileira.

Essas geografias impregnadas nos corpos, nos produtos e nas linguagens, são apropriadas e ressignificadas cotidianamente em suas relações socioespaciais, envolvendo diálogos e conflitos. Na fronteira, esse processo nos demonstra um vibrante processo de transfronteirização, onde o encontro de diferentes culturas e geografias, em meio a conflitos e diálogos, trata de produzir uma cultura híbrida, que é, todavia inacabada. Como bem coloca Albuquerque (2010, p. 51), devemos estar atentos de que “os espaços de intercâmbio cultural não significam espaços de integração social. Hibridismo não é sinônimo de integração”, pois, os preconceitos e estereótipos também se fazem presentes na construção do imaginário social. Costa com base em Mary Douglas coloca que:

Cruzar a fronteira é sair da “zona de conforto”, obrigando seus moradores a entrarem diretamente em contato com outros sistemas sociais e culturais e, portanto, se torna um “ato de poder” (Douglas 2012) carregado de significados e que estrutura a ação social, a interação e as relações sociais entre os grupos que aí interagem, em um cenário de forte alteridade. (COSTA, 2015, p. 44).

Consideramos que os corpos com seus gestos, vestimentas e características físicas, as línguas, os objetos, as comidas, etc., constituem elementos que produzem relações que, Marquez (2009, p. 19), pontua como “[...] indagação, tradução e imaginação do espaço”. A autora fala desse processo para designar “geografias portáteis”, objetos e práticas carregadas de geografias que permitem uma prática cultural crítica.

Rodrigues (2019, p. 186) ao transpor esse conceito para pensar esses elementos nas relações em contextos fronteiriços, dialoga com a noção de transfronteiricidades de Lopes (2014) para identificar objetos, práticas e subjetividades presentes nas interações entre sujeitos em territórios fronteiriços que constituem meios para a reprodução de imaginários, identificações e reconhecimentos entre as alteridades na fronteira, sendo capazes de expressar diálogos e conflitos, e promover o processo de transfronteirização através de seus constantes cruzamentos. Nesse sentido consideramos que as “representações, imagens e significados, correlatos às materialidades fronteiriças, dão suportes e ao mesmo tempo são suportados como produções morais, éticas, estéticas e performativas” (GOETTERT, 2013b, p. 750). Considerando esse pressuposto:

Toda imagem de fronteira, por sua vez, pode ou reforçar representações dominantes ou ser produção “criativa” para a construção de novas e outras representações, persistentes nas dicotomias, dualidades, contrastes, oposições e disputas. As imagens são, para tanto, participantes de seleções que parecem aleatórias, mas marcadas por uma “estrutura fronteiriça” que tende a se propor extremamente seletiva das imagens que reforçam representações suscetíveis à reprodução de pré-visões e de pré-conceitos. Na

fronteira, faz-se a imagem, vê-se e sente-se a di-visão (GOETTERT, 2013, p. 750).

Assim, as práticas transfronteiriças das vendedoras e vendedores ambulantes forjam o encontro e a interação com a alteridade, reproduzindo o espaço transfronteiriço em seu caos de negociações e representações, e em sua multiplicidade. Conforme Marquez (2011, p. 8), os ambulantes são sujeitos que “[...] produzem um espaço efêmero que testemunha adversidade quanto a tempos e velocidades, práticas e tecnologias e relações interpessoais – um espaço que escapa ao esforço de homogeneização, regularização e massificação dominante”.

### Considerações finais

As atividades das vendedoras e vendedores ambulantes que transitam entre um e outro lado da fronteira nos revelam que a existência do limite é essencial para a existência de tais práticas, que por suas espacialidades, são transfronteiriças. O limite torna-se uma estratégia do cotidiano desses sujeitos inseridos em redes sócio-laborais complexas. O trabalho ambulante na fronteira, como verificado nos relatos, subsidia a sobrevivência de muitas famílias provenientes das camadas pobres da população. Trazer os sujeitos para os estudos de fronteira é afirmá-la, antes de tudo, como um espaço vivido e produzido socialmente.

É no chão das ruas que essas pessoas constroem cotidianamente as suas existências. Ali, não conseguem somente o sustento, mas conseguem também manter o convívio familiar e construir relações de sociabilidade. Nesse sentido, a sobrevivência é algo a mais do que uma situação financeira, ela é, antes de tudo, humana, pois envolve afetos, sociabilidades, família. Nesse sentido, tais práticas em suas trajetórias espaço-temporais fazem com que esses lugares sejam carregados de memória e de significados. Porém, a rua e os limites impostos pela situação de fronteira, também faz com que esses lugares sejam marcados por silenciamentos e pelo medo que atravessam a luta pela sobrevivência à pobreza, ao descaso e ao esquecimento.

As práticas e apropriações espaciais cotidianas dessas pessoas nos mostram e questionam as contradições existentes na fronteira, e por isso, ao mesmo tempo em que são apropriações pela sobrevivência por meio do trabalho, representam também apropriações políticas do espaço, reclamando o direito de ir-e-vir para sobreviver. Os conflitos que essas práticas desencadeiam com outros agentes, como o poder público e econômico local, nos mostram a carência de políticas públicas que atendam as necessidades das populações fronteiriças, fato verificado nos estudos de Moura e Cardoso (2016). Assim, as trajetórias de vida dessas pessoas são marcadas por passagens e bloqueios, reproduzindo-se a partir de redes socioespaciais complexas que as sustentam.

A territorialização das práticas das vendedoras e vendedores ambulantes bolivianos nas ruas corumbaenses demonstra a produção simbólica de um espaço transfronteiriço. Ao estarem nas ruas, estabelecem o contato com a alteridade – produzindo a fronteira enquanto espaço da multiplicidade (MASSEY, 2008), espaço banal que é o espaço de todos os sujeitos e todas as temporalidades (SANTOS, 2006). Encontros que podem favorecer o empoderamento de uma consciência política que reivindique a existência diversa, fundamental para a produção de um espaço transfronteiriço igualitário, o que requer a construção de uma integração efetiva entre as cidades fronteiriças em níveis políticos, econômicos, sociais e culturais.

### Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira*

entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. 1.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 53-73, 2014.

CARNEIRO, Camilo Pereira. *Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata*. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na Fronteira. *Maná*, v. 21, n. 1, p. 35-63, 2015.

GOETTERT, Jones Dari. Fronteiras na fronteira: falas atravessadas entre Brasil e Paraguai. *Revista Geonorte*, v. 7, n. 1, p. 748-766, 2013.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, ano IX, n. 17, p. 19-46, 2007.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *IBGE Cidades*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang=>. Acesso: 20/10/2017.

INE (Instituto Nacional de Estadística - Estado Plurinacional de Bolívia). *Estadísticas Demográficas*. Disponível em: <http://www.ine.gob.bo/index.php/demografia/introduccion-2>. Acesso: 20/10/2017.

LASMAR, Jorge Mascarenhas. O fluxo de arte e as relações internacionais: narrativa, circulação e identidade nacional. *Fronteira*, Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 83-102, nov. 2001.

LOPES, Cicero Galeno. Transfronteiricidade na cultura pampiana. Porto Alegre: *Seminário Internacional Bioma Pampa: valores biológicos, culturais e econômicos - Conferência “Pampa, espaço transfronteiriço”*, 2014.

MARQUEZ, Renata. *Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial*. Tese – Doutorado em Geografia. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MARQUEZ, Renata. Atlas Ambulante. In: *Atlas Ambulante*. MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (Orgs.). Rona Editora, Belo Horizonte, Brasil: Instituto Cidades Criativas, p. 7-21, 2011.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson Ari. Mobilidade transfronteiriça: entre o diverso e o efêmero. *Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano*. Renato Balbim; Cleandro Krause; Clarisse Cunha Linke (Org.). Brasília: IPEA: ITDP, p. 205-222, 2016.

REITEL, Bernard; ZANDER, Patricia. Espacio fronterizo. *Hipergéo*, 2006. Disponível em: <http://www.hypergeo.eu/spip.php?article385>. Acesso: 20/10/2017.

RODRIGUES, Luiz Felipe. “Alho, patrona?”: Cartografias da Tríplice Fronteira Argentina-Brasil-Paraguay entre gentes ambulantes. Dissertação – Mestrado em Geografia. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; HENDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da (Orgs.). *Plurilocalidades dos sujeitos: representações e ações no território*. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. *GEOUSP: Espaço e Tempo*, n. 19, p. 81-91, 2006.

TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

#### Notas biográficas:

**Luiz Felipe Rodrigues** – Bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente, é Doutorando em Geografia na UFGD e professor contratado no curso de Geografia (Licenciatura) na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Campus Jardim. E-mail: [luiz.felipe.r@outlook.com](mailto:luiz.felipe.r@outlook.com)

**Dalila Tavares Garcia** – Bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Atualmente, é Mestranda em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: [dalila.tavares@hotmail.com](mailto:dalila.tavares@hotmail.com)

Artigo recebido em 02-02-2020  
Artigo aceito para publicação em 15-03-2020